



ESTADOS UNIDOS

Emergência nacional contra imigrantes

O presidente eleito, Donald Trump, confirma que também usará Exército para realizar uma deportação em massa de ilegais

O presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, pretende declarar emergência nacional e recorrer ao Exército para realizar uma deportação em massa de imigrantes, quando assumir a Casa Branca, em 20 de janeiro de 2025. Trata-se de uma das principais promessas de campanha e prioridades do novo governo do republicano, de 78 anos. Trump confirmou as medidas em sua rede social, a Truth Social, em resposta à postagem de um aliado.

"Boas notícias: segundo alguns relatos, a próxima administração de Donald Trump está preparada para declarar estado de emergência nacional e utilizar recursos militares para lutar contra a invasão (permitida pelo presidente Joe) Biden por meio de um programa de expulsões em massa", escreveu Tom Fitton, diretor da organização conservadora Judicial Watch, na plataforma. O presidente eleito respondeu à mensagem com um "É verdade!".

Trump classifica como "invasão" a entrada de imigrantes sem visto pela fronteira com o México. Ao longo da campanha, acusou-os de envenenar "o sangue" e "infectar" os Estados Unidos, de comer animais de estimação, entre outras declarações. Em comentários, ressaltou que, para "libertar" o país, planeja "a maior operação de deportação na história dos Estados Unidos".

Em abril passado, declarou que a Guarda Nacional — corpo militar sob o comando do governador de cada estado, que pode ser convocado para a proteção do país em caso de conflito ou desastre — poderia assumir as deportações. "Se não for o caso, utilizarei o Exército", declarou, posteriormente, à revista *Time*.

Pesquisa da Pew Research Center, de julho de 2024, aponta que há cerca de 11 milhões de imigrantes em situação irregular

Getty Images via AFP



Republicano celebra eleição em evento de gala para o Instituto de Política América Primeiro no resort Mar-a-Lago, na Flórida

no país. Associações de defesa dos direitos humanos estão preocupadas com o cenário e já se mobilizam.

Linha dura

Desde a contundente vitória nas eleições presidenciais de 5 de novembro, o magnata republicano tem avançado rumo à aplicação das expulsões em massa de migrantes. Nos últimos dias, ele nomeou Tom Homan como "czar da fronteira", sem detalhar em que consistirá o trabalho do ex-diretor da agência responsável

pelo controle da imigração (ICE) durante seu primeiro mandato. Homan é um defensor da linha dura em questões migratórias. Entre 2017 e 2018, supervisionou uma política que resultou na separação de 4 mil crianças migrantes de seus pais.

Donald Trump reforçou essa frente com outros dois "falcões": Kristi Noem ficará no comando do Departamento de Segurança Interna, responsável pela proteção de alfândegas e fronteiras e pela gestão da migração. Mike Waltz será o conselheiro de Segurança Nacional da Casa Branca.

A deportação de migrantes, de qualquer forma, não é algo novo nos Estados Unidos. Segundo um relatório do Instituto de Políticas Migratórias (MPI), com sede em Washington, a administração do presidente democrata Joe Biden realizou nos últimos quatro anos mais expulsões de migrantes em situação irregular do que a de Trump no governo anterior.

"Combinando deportações com expulsões e outras ações para bloquear a entrada de migrantes sem permissão nos Estados Unidos, as quase 4,4 milhões de repatriações do governo Biden já

são mais do que qualquer mandato presidencial desde o governo de (o republicano) George W. Bush", diz o documento divulgado no fim de junho.

No segundo mandato de Bush, as repatriações chegaram a 5 milhões. Trump tem a intenção de ir muito mais longe e, embora os detalhes de seus planos ainda sejam desconhecidos, ele já deu algumas pistas.

Muro

O futuro presidente promete invocar a Lei de Inimigos

» Aliado de Musk vai para FCC

O presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, escolheu o republicano Brendan Carr, um crítico das grandes empresas de tecnologia apoiado por Elon Musk, para comandar a Comissão Federal de Comunicações (FCC). Trump chamou Carr de "guerreiro pela liberdade de expressão" no comunicado em que anunciou a indicação. Carr "lutou contra o 'lawfare' regulatório que sufocou as liberdades dos americanos" e "vai acabar com o ataque regulatório que tem prejudicado os criadores de empregos e inovadores dos EUA", assinalou Trump. Carr escreveu na rede social X que estava "honrado" por assumir o cargo.

Estrangeiros de 1798, fechar a fronteira com o México, retomar a construção do muro e contratar 10 mil agentes. Seu projeto é tentar ressuscitar o programa Stay in Mexico (Fique no México), para que os imigrantes aguardem do outro lado da fronteira enquanto seus processos são resolvidos, proibir as cidades-santuário, que os protegem da expulsão, e cortar "todos os benefícios federais e de assistência social".

Além disso, pretende acabar ou limitar outras visas legais de entrada, como o status de proteção temporária (TPS), que concede permissão de residência e trabalho, ou a possibilidade de solicitar uma entrevista por meio de um aplicativo de celular ou por meio de trâmites nos países por onde os migrantes passam.

GUERRA NO LESTE EUROPEU

Kremlin alerta Biden sobre ajuda à Ucrânia

O governo de Vladimir Putin acusou, ontem, Washington de inflamar o conflito no leste europeu após a autorização dada pelo presidente dos EUA, Joe Biden, para que a Ucrânia use mísseis americanos de longo alcance contra os russos. "O uso de mísseis de longo alcance por Kiev para atacar nosso território significaria a implicação direta dos Estados Unidos e de seus aliados nas hostilidades contra a Rússia, e uma mudança radical na essência e natureza do conflito", declarou a porta-voz da diplomacia russa, Maria Zakharova. "A resposta da Rússia, nesse caso, será adequada e se fará sentir", alertou, em comunicado.

O alerta do Kremlin sobre uma nova escalada na guerra coincidiu com o anúncio da Ucrânia de um novo ataque russo na cidade portuária de Odesa, no Mar Negro, no fim de semana. Dez pessoas morreram após o bombardeio em larga escala contra a infraestrutura de energia do país.

Em uma mudança de estratégia, a poucas semanas da volta de Donald Trump à Casa Branca, uma fonte de alto escalão do governo americano falou no

domingo, sob condição de anonimato, sobre a autorização dada por Washington. O presidente eleito é um crítico ferrenho da ajuda norte-americana à Ucrânia. Ele já prometeu dar um fim à guerra ainda em 2025. No Rio de Janeiro, onde participa da cúpula do G20, Biden pediu aos líderes das maiores economias do mundo que apoiem "firmemente a soberania" ucraniana.

Coreia do Norte

Os jornais *The New York Times* e *The Washington Post* informaram que a medida foi adotada como resposta ao envio de tropas da Coreia do Norte para ajudar Moscou. Segundo Kiev, quase 11 mil soldados norte-coreanos estão na Rússia e começaram a combater na província de Kursk, parcialmente controlada pelas tropas ucranianas.

Kiev vinha pedindo há muito tempo autorização para usar armas ocidentais de longo alcance para atacar bases a partir das quais Moscou lança seus bombardeios e também para contra-atacar o avanço das tropas russas no leste de seu território. Os mísseis ATACMS

AFP



Putin com Yevgeny Balitsky, governador da região ucraniana de Zaporíjia, ocupada por russos: promessa de resposta caso Kiev use mísseis americanos

ucraniano, Andrii Sybiga, disse que a permissão de Biden poderia significar uma mudança "do jogo" para Kiev. "Quanto mais tempo a Ucrânia puder atacar, mais curta será a guerra", disse Sybiga aos jornalistas antes de uma reunião do Conselho de Segurança da ONU por ocasião dos mil dias da invasão russa à Ucrânia.

Já o presidente da Ucrânia, Volodymyr Zelensky, adotou cautela. "Muitos meios de comunicação informam que recebemos autorização para tomar as medidas oportunas. Mas os ataques não são efetuados com palavras. Essas coisas não são anunciadas", afirmou, antes de acrescentar que "os mísseis falarão por si".

Zelensky visitou, ontem, as tropas que defendem a cidade de Pokrovsk, um ponto logístico crucial para as forças de Kiev no front leste.

fornecidos pelos EUA devem, inicialmente, ser usados em Kursk, por conta da presença dos norte-coreanos, de acordo com o *The New York Times*.

Os países da Otan relutavam a aceitar o pedido devido ao temor

de uma escalada no conflito. A iniciativa norte-americana, porém, parece influenciar outros países.

O chanceler da França, Jean-Noël Barrot, disse, em Bruxelas, que seu país não descarta a possibilidade de uso de seus mísseis

de longo alcance. A Alemanha informou que entregará 4 mil drones equipados com inteligência artificial. "Não vou entrar em detalhes operacionais", comentou o premiê britânico, Keir Starmer.

Por sua vez, o chanceler